

Jacques-Benoît Rauscher

O ecrã, o ícone e o espelho

*Procurar Deus
num quotidiano tecnológico*



EDITORIAL AO

Título original:

*L'écran, l'icône et le miroir – Chercher Dieu
dans un quotidien technologique*

© 2025, Groupe Elidia

Éditions Desclée de Brouwer

10 rue Mercœur – 75011 Paris

9 espace Méditerranée – 66000 Perpignan

www.editionsddb.fr

Tradução

Maria do Rosário de Castro Pernas

Capa

Romão Figueiredo

Paginação

Editorial AO

Impressão e Acabamentos

Sersilito – Empresa Gráfica, Lda.

Depósito Legal

571362/26

ISBN

978-972-39-1053-7

Outubro de 2026

Com todas as licenças necessárias

©

SECRETARIADO NACIONAL DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO

Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRAGA / Tel.: 253 689 443

www.redemundialdeoracaodopapa.pt/livraria | livros@rmop.pt

Introdução

*«Todo o discípulo do reino dos Céus
é semelhante a um pai de família
que tira do seu tesouro
coisas novas e velhas».*
(Mt 13, 52)

Um *smartphone* num hábito medieval

Ao longo da vida, é assombroso sermos confrontados com profundas mudanças na forma como vivemos. Poderíamos julgar que tais mutações eram apenas apanágio das gerações do início do século XX que, nos nossos países da Europa ocidental, passaram, em poucas décadas, de um modo de vida marcado pela ruralidade, a um modo de vida urbano, marcado pela técnica. Contudo, desde o princípio do nosso século XXI, também nós temos conhecido um daqueles períodos de convulsões que tem alterado de forma substancial o nosso dia a dia. Basta pensar no modo como um francês trabalhava, consumia,

comunicava e ocupava os tempos livres no início da década de 1990 – portanto, antes do desenvolvimento da *Internet* de consumo geral – e como o faz hoje, para avaliarmos a mudança de época. Uma pessoa nascida antes da década de 1990 poderá constatar pessoalmente a série de mudanças bruscas vividas no seu dia a dia devido à irrupção das «novas» tecnologias. No meu caso, compreendi que algo de fundamental tinha acontecido no nosso quotidiano no momento em que constatei que as grandes mutações tecnológicas tinham atravessado, de facto, os muros do meu convento.

Recordo um momento, precisamente no início da minha formação religiosa. Os meus jovens confrades e eu ficámos escandalizados quando nos apercebemos que, numa comunidade, os Irmãos mais velhos tinham quase todos televisão na sua cela. «Como aceitar passar tempo sozinho diante da televisão, quando se pode partilhar uma vida em comum, rica de troca de ideias e de debates? Como se pode transformar a própria cela, espaço aberto à contemplação de Deus, numa sala para estar frente a frente com o pequeno ecrã? Entregar-se a tais práticas é a degradação da vida religiosa! Nós nunca nos deixaremos arrastar para esse afrouxamento do ideal da vida consagrada!» Eis os gritos escandalizados que o noviço que eu era tinha dado interiormente perante aquilo que lhe parecia ser uma vida religiosa corrompida.

Até hoje, com efeito, tenho cumprido a minha palavra. Não instalei uma televisão na minha cela. No en-

tanto, como a maior parte dos meus Irmãos, vejo vídeos através do meu computador ou do telemóvel, aos quais as minhas investigações académicas ou o meu apostolado me obrigam a estar conectado. Na verdade, eu preferia que fossem reatadas as *soirées* de cinema comunitário, ao sábado, ou aqueles momentos, não tão remotos, em que os Irmãos escutavam e comentavam juntos as notícias da atualidade, enquanto viam o telejornal das oito da noite. No entanto, tal como a maior parte dos meus Irmãos dominicanos, fui-me habituando às novas práticas referidas. Abandono a sala de televisão e prefiro informar-me ou divertir-me com a ajuda de programas à minha escolha, na minha cela. Isso não vai contra a nossa regra de vida (que, aliás, não chega a contemplar esses casos específicos). Todavia, não posso dizer que tal situação me pareça satisfatória: sobretudo porque não foi objeto de uma escolha e, mais ainda, porque raramente suscita discussões sobre as suas consequências para a nossa vida de oração.

Decidi não ficar desolado com esta situação. São Domingos estabeleceu conventos no centro das cidades, desde os primórdios da sua Ordem, há mais de oitocentos anos. Por conseguinte, a contemplação e o estudo dos Irmãos, na Idade Média, eram constantemente perturbados pelos ruídos das cidades. Mais ainda, quando saíam para se dirigir à universidade ou para pregar, os primeiros dominicanos eram confrontados tanto com os sabores como com os fedores associados à pululante atividade humana que os rodeava. A especificidade desta

forma de vida religiosa inaugurada, no seu tempo, por São Domingos, consistia em fazer de tal tensão a mola impulsionadora da busca de Deus. Creio que isso ainda hoje é verdade. Creio que um discípulo de São Domingos deve aproveitar tanto aquilo que o alegra como aquilo que o perturba, no que diz respeito às evoluções deste mundo, a fim de viver a sua vocação de «sentinela» no meio dos seus contemporâneos. Vocação que distingue o chamamento particular por ele recebido pessoalmente, mas que também faz parte da missão de todo o batizado.

O mundo está a mudar e nós deveríamos ignorá-lo?

A relação do cristão com as tecnologias quotidianas oscila, porém, entre várias atitudes. Por vezes, trata-as com um moralismo excessivo, quer gabando os seus extraordinários benefícios, quer, pelo contrário, vendo nelas a fonte de todos os males do mundo. Outras vezes, concentra-se nas mutações mais sofisticadas e imagina, de forma prospetiva, os riscos que determinada inovação em curso implica em termos de questões éticas. Vemos assim, no Vaticano e não só, colóquios de alto nível sobre os avanços mais sofisticados da inteligência artificial e as respetivas implicações morais. Lemos minuciosas reflexões éticas e filosóficas sobre aquilo que o futuro nos está a preparar ou sobre a ligação entre religião e técnica. Tudo isso é mais do que necessário, sendo esses os domí-

nios em que a investigação teológica e a palavra da Igreja são mais esperadas do que se imagina! Longe de mim, portanto, afirmar que, no campo prospetivo, a reflexão cristã teria falhado. O católico, porém, utilizador comum de um *smartphone*, é por vezes deixado sozinho a pensar nas mutações que este pequeno paralelepípedo, lançado para o centro da nossa existência, já terá provocado nos últimos anos.

Então, a tendência para a resignação acaba por dominá-lo. Esta atitude é comum a qualquer pessoa perante as evoluções tecnológicas. No entanto, tal resignação ameaça sobremaneira o católico de hoje. Há várias décadas que as tecnologias quotidianas modificam a nossa maneira de entrar em relação, de conhecer, de considerar o tempo e o espaço. Elas mostram, assim, um pouco mais o desnível cultural entre uma prática cristã que repousa sobre uma vida comunitária (paroquial ou familiar) ritmada pela repetição de festas litúrgicas e um mundo conectado¹. Mesmo sendo utilizadores das referidas tecnologias – por vezes zelosos –, os católicos podem considerar que a sua Tradição não dispõe de estímulos que permitam antever mutações alheias a estas estruturas de pensamento. Aliás,

¹ Poderíamos ver em cada uma das características introduzidas pelas novas tecnologias um elemento que reforça a «exculturação» do catolicismo, caracterizada por uma mudança de relação com a terra, com a família, com a natureza e com as relações humanas em geral; ver D. HERVIEU-LÉGER – *Catholicisme, la fin d'un monde*. Montrouge, Bayard, 2003.

alguns já nem sequer veem uma fonte de inspiração na referida Tradição. Pretender que nos podemos apoiar nela para ponderar as nossas formas de vida atuais não só é considerado anacrónico, como poderia até revelar-se perigoso. Com efeito, nos últimos anos, veio à luz que a Tradição supramencionada tem sido evocada abusivamente por criminosos e manipuladores de todo o tipo, que arrastaram atrás de si inúmeros fiéis de boa fé². Por conseguinte, falar da Tradição cristã como fonte de inspiração pode gerar, nalguns, uma forte desconfiança. Muitos católicos sentem-se «inseguros» num mundo em mutação, que, por vezes, abala a sua fé e a sua maneira de ser, mas perante o qual se reconhecem desarmados. Trata-se de uma atitude cujas motivações se podem explicar e cujos sintomas se podem levar a sério..., mas que ninguém pode utilizar como frágil pretexto para se esquivar às suas responsabilidades sempre que deflagram tempestades.

O mundo vai mudando, mas, em vez de reagir às «coisas novas» que o afetam, muitos católicos parecem ficar como que «paralisados» devido à diminuição do número de fiéis e às crises que vai atravessando, em simultâneo, a sua Igreja.

O mundo vai mudando, mas, para não abalar ainda mais um edifício que vacila, alguns católicos podem sentir-se tentados a refugiar-se entre as suas quatro paredes:

² C. FINO, G. BERCEVILLE, G. DROUIN, L. FORESTIER e É. VINÇON – *Scandales dans l'Église. Des théologiens s'engagent*. Paris, Cerf, 2020.

numa Idade Média fantasmagórica ou em reflexões intermináveis sobre o bom acolhimento do concílio Vaticano II. Tanto o perfume de incenso das sacristias como o cheiro a linóleo das salas paroquiais podem saturar os nossos sentidos, a ponto de não nos apercebermos do fumo dos incêndios latentes no exterior.

O nosso mundo vai mudando devido às novas tecnologias. Talvez o nosso mundo – tão rotineiro – esteja a arder por causa delas. Os católicos não podem olhar para o lado.

O ecrã, o ícone e o espelho

A resignação não pode ter voz ativa na vida cristã. Em primeiro lugar, porque, quaisquer que sejam as épocas, tesouros de uma sabedoria encarnada podem ser retirados às mãos cheias daquilo que os discípulos de Cristo viveram e pensaram, apesar de graves deturpações que não podemos de modo algum omitir. Em seguida, porque o pensamento cristão tem mostrado, através dos séculos e dos continentes, que é capaz de conservar aquilo em que consiste a sua especificidade, adaptando-se com rigor aos contextos mutantes da História.

No entanto, para não nos resignarmos e abraçarmos esta atitude corajosa, própria dos cristãos, convém atrevermo-nos a ocupar três frentes: caracterizar com lucidez as mutações do nosso tempo, escutar de que modo estas

permitem receber de uma forma completamente nova a Palavra que Deus dirige ao mundo e trabalhar as debilidades ou as confusões que elas trazem à luz, na nossa presente reflexão cristã.

Nas páginas que se seguem, queremos adotar uma atitude não resignada sobre as evoluções tecnológicas que afetam o nosso dia a dia. Nesse sentido, não pretendemos analisar, aqui, aquilo que as evoluções futuras poderão vir a trazer consigo nem aquilo que alguns desenvolvimentos hipotéticos preparam. O nosso objetivo é olhar para o que as tecnologias que nos rodeiam, desde há várias décadas, alteraram, de facto, na nossa vida moral e espiritual. Por conseguinte, interessam-nos mais, aqui, os telemóveis que todos nós trazemos no bolso há já vinte e cinco anos, do que os *robots* humanoides que poderão ajudar-nos a discernir, em 2080, num eventual centro de retiros futuro. O importante é, assim, olhar de frente para os nossos *ecrãs*.

Olhar para as mudanças provocadas por determinada tecnologia significa não se deixar fascinar por elas. Significa considerar como estas levantam, de novo, grandes questões associadas àquilo que constitui a nossa vida humana. Há três décadas que os telemóveis mudaram a nossa relação com os outros, com o dinheiro, com o sexo..., mas os nossos predecessores, mesmo não conhecendo as redes sociais, esboçaram pistas de reflexão sobre essas realidades humanas que hoje nos podem enriquecer. Cabe-nos a nós escutar as mutações do mundo; cabe-nos a nós perscrutar os ensinamentos da nossa fé. Desse modo, os nossos

ecrãs poderão levar-nos a ver as novidades e atualidades profundas contidas nas riquezas da nossa Tradição. Olhar de frente para os nossos ecrãs significa, paradoxalmente, ser levados a redescobrir a beleza dos nossos ícones.

A luz dourada dos ícones não serve para disfarçar as fendas profundas reveladas pelas crises abissais por que tem passado a Igreja de hoje. Contudo, é olhando para essa luz que saberemos o que é verdadeiramente sólido e o que pode constituir fundamentos reais. O ícone não consiste em olhar aquele ou aqueles que nele estão representados sem que isso produza efeitos na vida do orante. O ícone é um *espelho* que convida quem quer que o olhe à conversão do pensamento e da prática.

Olhar o ecrã, o ícone e o espelho é o que nos será proposto em cada um dos capítulos da presente obra. Todos eles partem de uma evolução tecnológica que já faz parte do nosso quotidiano, interpelam a nossa Tradição e convidam-nos à conversão. Podem ser lidos de forma desordenada: não pretendemos, de modo algum, apresentar aqui um tratado sistemático. Queremos, antes, lançar algumas pistas de reflexão sobre questões complexas que não pretendemos esgotar, a fim de tomarmos consciência das mudanças que nos marcam, das riquezas que trazemos dentro de nós e dos desafios com que somos confrontados.

Índice

Introdução	5
Um <i>smartphone</i> num hábito medieval	5
O mundo está a mudar e nós deveríamos ignorá-lo?	8
O ecrã, o ícone e o espelho	11
Capítulo 1	
O meu telemóvel, as suas possibilidades e o meu pecado – <i>Responsabilidade do cristão num mundo tecnológico</i>	15
O ecrã: telemóveis brilhantes... mas opacos	16
O ícone: o cristão entre o «já» e o «ainda não»	19
<i>A Bíblia: desconfiança em relação aos profetas que anunciam mudanças de estruturas</i>	20
<i>A Tradição: o cristão em tensão permanente neste mundo</i>	24
O espelho: identificar as áreas onde agir livremente... e rezar o <i>Pai-Nosso</i>	26
<i>Não esperar mudar as estruturas para ser livre</i>	27
<i>Rezar «venha o teu Reino»</i>	30
Capítulo 2	
Trabalhar online – <i>Trabalho à distância ou distância em relação ao trabalho?</i>	33

O ecrã, o ícone e o espelho

O ecrã: trabalho que nos segue a cada momento e por toda a parte	34
O ícone: sobre a importância de impor um limite ao trabalho	36
<i>A Bíblia e a libertação do trabalho-condenação</i>	37
<i>O Novo Testamento e a Tradição cristã: o homem que trabalha como imagem de Deus</i>	41
O espelho: pequenos <i>sabats</i> para cada um... e para a Igreja	43
<i>Impor a si mesmo pequenos lugares sabáticos</i>	44
<i>Tratar dignamente aqueles que trabalham ao serviço da Igreja.....</i>	45

Capítulo 3

Informar-se online – *Ser notificados ou ler os sinais*

<i>dos tempos?.....</i>	49
O ecrã: «Vou só dar uma vista de olhos e já volto!» ...	49
O ícone: que apocalipse olhar?	50
<i>Do leão ao Cordeiro</i>	51
<i>Habitar os nossos lugares quotidianos para nos encontrarmos com Deus</i>	55
O espelho: procurar o bem no coração do dia a dia ..	58
<i>Renomear o bem em questão na aridez do quotidiano ..</i>	59
<i>Sinais a consumir com prudência</i>	62

Capítulo 4

Comprar online – *Encomendar um bem ou comandar*

<i>os bens?.....</i>	67
O ecrã: um catálogo abundante, disponível em qualquer lugar	67

Índice

O ícone: acumular na Lei, nos profetas e na Tradição... ..	70
<i>A Bíblia ou a estigmatização da acumulação individual de riqueza</i>	70
<i>A Tradição: cegueira de quem acumula</i>	74
O espelho: comandar os bens	77
<i>Interrogar-se sobre o necessário</i>	78
<i>Atravermos-nos a pronunciar-nos sobre o mercado livre ...</i>	80
 Capítulo 5	
Sobre o sexo <i>online</i> – O X: um sistema com demasiados(as) desconhecidos(as)	87
O ecrã: imagens menos cor-de-rosa do que parece ...	87
O ícone: escondam este sexo sem palavras	91
<i>A Bíblia: um texto posto de parte pela liturgia</i>	92
<i>Ousar uma qualificação da pornografia</i>	96
<i>Reencontrar a liberdade do sujeito</i>	102
O espelho: uma hierarquia de valores a revisitar... ..	106
<i>Fazer um grande alarido à volta do sexo</i>	106
<i>E quanto ao sexo quando o outro está ausente?</i>	108
<i>A estrutura «pornográfica» de certos discursos católicos ...</i>	112
 Capítulo 6	
Adquirir conhecimentos <i>online</i> – Procurar respostas ou informar-se sobre a sabedoria?	117
O ecrã: ter uma resposta diante dos olhos	117
O ícone: chorar e caminhar para conhecer	119
<i>Casais cujos olhos se abrem</i>	120
<i>Corpos humanos em tom menor</i>	125

O espelho: fascínio para aqueles que detêm o saber ..	129
<i>A conversão não é acesso a um tipo de conhecimento</i>	129
<i>Invocações feitas à IA, aos gurus, ao magistério... ..</i>	130
Capítulo 7	
Amizades online – O meu próximo pode ser distante? ...	135
O ecrã: os «amigos» que eu escolho, quando quero ...	135
O ícone: a Igreja, a minha cultura e os meus próximos	137
<i>São Pedro: um homem em tensão sobre esta questão</i>	138
<i>Será possível travar amizade com aquele que está longe?</i>	143
O espelho: pensar as pertenças particulares	145
Conclusão	151
Onde está Deus, num mundo que parece fazer-nos felizes?.....	151
Ousar uma palavra cristã num mundo transformado	154
A Igreja e o motel de <i>Psico</i>	156
<i>Elementos bibliográficos</i>	159
<i>Índice</i>	163